

# RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA

GUIOMAR TORREZÃO

2.<sup>a</sup> SERIE

LISBOA, 24 DE JULHO DE 1881

NUMERO 34

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

**Summario.** — *Chronica alegre*, Guiomar Torreção — *Os quatro ventos do espirito*, Ernesto Détré — *Madrid*, exposição de bellas artes, Manlius — *Carteira de um fantasista*, versos, Christovão Ayres — *Atravez do binoculo*, theatro do Principe Real, Delfim de Noronha — *Bibliographia* — *Ru-mores dos palcos* — *Collaboração fluctuante* — Folhetins: *Alvina*, George Sand — *Cardeal diabo*, Valentim Demonio.

## CHRONICA ALEGRE

Em presença de uma semana esteril, que não deita, por mais que a espremam, um unico assumpto aproveitavel, e na qual os editaes do sr. Arrobas produzem o effeito de zigues-zagues rutilantes e fantasticos como coriscos, seguidos pela trovoad... de comedia dos jornaes opposicionistas, e em face da canicula que agita o seu grande archote incandescente, dispondo-se a reduzir o supposto rei da creação ás proporções minimas de um ovo, quebrando-o, batendo-o e fritando-o, uma grande alegria, profunda e immensa, illumina de subito a nossa alma e vibra ao nosso ouvido arrebatado a symphonia do triumpho, entoada pelos clarins do jubilo, que resoam em notas escarlates e hilariantes.

Essa alegria incomparavel, superior á asphixia produzida pelo calor e á monotonia proveniente da falta de assumpto, nasce de uma convicção deliciosa e só hoje realisavel.

E todavia, sabe Deus quantas vezes acalentaramos a esperanca...

A ambição...

O desejo...

O voto...

O anhelos...

E tanto o anhelos, como o voto, o desejo, a ambição e a convicção, filha legitima d'essas variadas manifestações de uma idéa fixa, negavam-nos o prazer de se deixarem afagar e encadeiar no collar dos nossos braços, e transplantar para o dominio do nosso cerebro.

Esse desejo, que degenerara em pesadelo, essa ambição, que accelerava as pulsações, arrancando-lhes vibrações dolorosas de febre intensa, envolvia-nos em torturas lentas, supplicava-nos, dava-nos visões tantalicas de piscinas de marmore, cheias de agua espe-lhante e crystalina, de kilos de sabão e muitas esponjas juxtapostas em pyramides loiras, de feitos caprichosos.

Meninas que passavam, exhalando um vago aroma de *ylang-ylang*, pennujadas de *veloutine*, envolvidas em nuvens de rendas e ondas de setim, despertavam-nos terrores vagos, cheios de perplexidades cruéis...

*Badoués* de risca apartada ao meio, frack correcto, calça irreprehensivel e luvas bordadas, dandinando-se ao longe do Chiado, suggeriam-nos duvidas lancinantes...

E a miragem das tinas, dos sabonetes, das esponjas bailava vertiginosamente diante do nosso olhar allucinado, sollando risadas escarninhas de melro garoto e repetindo um *não* sonoro, que se repercutia indefinidamente atravez do espaço.

— Que a deusa do *chic* e o principe da *gomme*, supplicava a nossa idéa fixa, se dignem addicionar aos relevos delicados das suas toilettes e ás exhibições opulentas da sua plastica um pequenino verbo auxiliar.

Que elles se lavem.

Que elles se lavem com a bella agua do Alviella, mesmo prescindindo da agua de Lubin.

Resouu afinal a hora solemne!

O nosso desejo vai finalmente realizar-se.

A *villegiatura* começa; as praias desdobram como grandes azas brancas as lonas das barracas, o mar estremece enrolando-se, como um leãozinho domesticado, e agitando a juba de espuma argentea,

aos pés das nymphas de touca de oleado, e Lisboa, a hydrophoba, lava-se!

Diante d'esta consoladora certeza, não podemos deixar de levantar para o céu uma acção de graças e de applicar aos banhos do mar uma phrase de Voltaire:

— Se elles não existissem, seria preciso invental-os.

GUIOMAR TORREZÃO.

## OS QUATRO VENTOS DO ESPIRITO

O terceiro livro que abre o segundo volume dos *Quatro ventos do espirito*, tem por titulo o *Livro lyrico*. Este é incontestavelmente o que contém mais sentimento. Os versos são juvenis, frescos e recordam ao *Feuilles d'automne* e os *Chants du crépuscule*. Nada de mais risonho e encantador do que a

### CHANSON D'AUTREFOIS

Jamais elle ne raille  
Étant un calme esprit;  
Mais toujours elle rit. —

Voici des brins de mousse avec des brins de paille;

Fauvette des roseaux,  
Fais ton nid sur les eaux.

Quand sous la clarté douce  
Qui sort de tes beaux yeux,  
On passe, on est joyeux. —

Voici des brins de paille avec des brins de mousse;

Martinet de l'azur,  
Fais ton nid dans mon mur.

Dans l'aube avril se mire  
Et les rameaux fleuris  
Sont pleins de petits cris. —

Voici de son regard, voici de son sourire;

Amour, ó doux vainqueur,  
Fais ton nid dans mon cœur.

Na mesma escala depara-se-nos outra canção, que não vale menos do que a precedente, embora termine com um grito de odio.

J'aime à me figurer, de longs voiles couvertes,  
Des vierges qui s'en vont chantant dans les chemins,  
Et qui sortent d'un temple avec des palmes vertes  
Aux mains.

Un rêve qui me plaît, dans mes heures moroses,  
C'est un groupe d'enfants dansant dans l'ombre, en rond,  
Joyeux, avec le rire à la bouche et des roses  
Au front.

Un rêve qui m'enchante encore et qui me charme,  
C'est une douce fille, à l'âge radieux,  
Qui, sans savoir pourquoi, songe, avec une larme  
Aux yeux.

Une autre vision, belle entre les plus belles,  
C'est Jeanne et Marguerite; astres, vous les voyez!  
Qui, le soir, dans les prés, courent avec des ailes  
Aux pieds!

Mais des rêves dont j'ai la pensée occupée,  
Celui qui pour mon âme a le plus de douceur  
C'est un tyran qui râle avec un coup d'épée  
Au cœur.

Mas para nós a melhor de todas é a seguinte, que tem tambem o titulo de

CHANSON D'AUTREFOIS

Quelqu'un connaît-il ma cachette?  
C'est un lieu calme, où le ciel clair  
En un jour de printemps rachète  
Le mal qu'ont fait six mois d'hiver.

Il y coule des eaux charmantes;  
L'iris y naît dans les roseaux,  
Et le murmure des amantes  
S'y mêle au babil des oiseaux.

Là vivent, dans les fleurs, des groupes  
Epars, et parfois réunis,  
Avec des chants au fond des coupes  
Et le silence au fond des nids.

La grâce de cette ombre heureuse  
Et de ce verdoyant coteau  
Semble faite des fleurs de Greuze  
Et du sourire de Watteau.

Paris dans les brumes se plonge,  
Et le cabaret de Régner  
Ne vaut pas une heure de songe  
Sous les branches d'un châtaignier.

Les plus belles choses du rêve  
Sont celles qu'admet l'antré frais,  
Et que confusément achève  
Le balancement des forêts.

Je comprends peu qu'on soit superbe  
Et qu'il existe des méchants,  
Puisqu'on peut se coucher dans l'herbe  
Et qu'il fait clair de lune aux champs.

Toutes les fleurs ont un langage  
Qui nous recommande l'amour,  
Qui nous berce et qui nous engage  
A mettre dans nos cœurs le jour.

Les vagues robes brillantées,  
Les seins blancs et les jeunes voix  
Des Phyllis et des Galatées  
Conseillent le rire et les bois.

Em resumo, e para me despedir do *Livro lyrico*, citarei esta ultima poesia, que não obstante o seu laconismo vale um longo poema philosophico.

RENCONTRE D'UNE PETITE FAGOTIERE

Enfant au teint brun, aux dents blanches,  
Tont petit bras derrière toi  
Tire un tremblant faisceau de branches.  
O doux être d'ombre et d'effroi,

Dans la clairière aux vertes routes  
Tu passes; nous nous regardons,  
Moi, plein de songes et de doutes,  
Toi, les pieds nus dans les chardons.

A nous deux seuls dans la rosée,  
Nous ferions sourire un cagot;  
Car, moi, je porte la pensée,  
Et toi, tu traînes le fagot.

O livro quarto intitula-se o *Livro epico*; contém unicamente um canto: *A revolução*. Uma noite, a estatua de Henrique IV anima-se no seu pedestal da Ponte-Nova:

Le roi tourna la bride et le cheval la tête.  
.....  
Les muscles monstrueux du bronze frissonnèrent;  
La croupe tressaillit, le pied, toujours levé,  
Qui laisse l'herbe croître aux fentes du pavé,  
S'abaissa, l'autre pied, scellé dans l'architrave,  
Se leva; le colosse inclina son front grave;  
Le destrier, ployant ses jambes de métal,  
Horrible, s'approcha du bord du piédestal,  
—Visions où jamais nul œil humain ne plonge! —  
Et comme par la rampe invisible d'un songe,  
La statue à pas lents du socle descendit.

A estatua vae examinar se seu filho occupa ainda o mesmo lugar. Eil-a na praça Real. Luiz XIII desce, e dirigem-se ambos para a praça das Victorias. Chegados ahí,

L'homme à l'armure  
Laisse derrière lui son blême compagnon  
Et dit très haut:

FOLHETIM

ALBINA

ULTIMO ROMANCE POSTHUMO DE GEORGE SAND

SEGUNDA PARTE

SEXTA CARTA

JUSTO ODOARD À SR.<sup>a</sup> DE NESMES

Castello d'Autremont.

Como eu era, segundo as opiniões dos peritos, uma joia de preço, receiava muito que sendo o meu patrão pobre, não cedesse á tentação de me vender.

Não succedeu assim. Fiori era um homem honrado.

«Não sei se me indemnizarás das despesas que faço contigo; mas o que eu não ignoro é que quem adopta uma creança para a consagrar ao theatro, tem a cumprir deveres que nem todos sabem desempenhar cabalmente.»

Foi esta a preocupação séria de toda a sua vida. Tanto para zelar o meu futuro, como para obedecer aos impulsos de uma con-

sciencia recta, vigiou-me sempre escrupulosamente, livrando-me energicamente de todos os perigos inherentes á minha profissão, arriscada e incerta. Pelo que dizia respeito a desvelos e affagos, eu não tinha que exigir-lhos; era um objecto seu; com tanto que estivesse acceiado e infeitado, funcionando regularmente como o seu relogio, dava-se por satisfeito de si e de mim. Fazia-me trabalhar incessantemente. Era um optimo professor, e eu, como discipula submissa e incansavel, e de mais a mais possuidora de uma certa felicidade relativa, não lhe dava occasião de me tratar com asperza. Á menor distracção da minha parte, fallava-me desabridamente, não poupando palavras violentas, ameaçando mesmo passar a vias de facto; mas era isto apenas da bocca para fóra. Não queria elle por fórma alguma quebrar a preciosa bonequinha que era o seu ganhão e não poupava diligencias e cuidados para a conservar inteira. Quando comprehendeu que a sua irrascibilidade me fazia chorar e tremer, assaltou-o um grande receio pela minha saude, tão necessaria aos meus progressos, e tomou a peito poupar-me commoções violentas. Julgou conveniente ensinar-me a ler e escrever e trocar o meu calão pela formosa lingua italiana; mas a isso restringiu a minha educação litteraria. Logo que elle entrou no conhecimento que eu tomara gosto ao estudo e ambicionava formar o meu espirito, tirou-me os livros da mão, dizendo: «Fica sabendo que todo aquelle que se dedica á dansa é considerado estúpido, e é essa justamente a nossa superioridade. O espirito do bailarino existe nas pernas; se o deixarmos extraviar-se e subir á cabeça, estamos perdidos.»

— Louis, quatorzième du nom,  
Réveille-toi, Louis ! et viens avant l'aurore  
Voir si ton petit-fils est à sa place encore. —

Le dieu de bronze au front vaguement étoilé  
Ouvrit sa lèvre sombre et dit : — M'a-t-on parlé ?  
Et son regard, cherchant à ses pieds, sembla naître.  
— Oui. — Qui donc ? — Moi. — Qu'es-tu ? Ton père, dit l'ancêtre.

— Quel est ce petit-fils que ta voix m'a nommé ?  
— Celui que tes sujets appelaient : « Bien aimé. »  
— Où donc est-il, l'objet de ces idolâtries ?  
— Dans une grande place, au bout des Tuileries.  
Viens.

Le noir demi-dieu salua les deux rois,  
Puis descendit du socle auguste, et tous les trois  
Se mirent à marcher dans la nuit, côte à côte,  
L'aïeul passant les fils de sa tête plus haute.

Depara-se-nos n'este logar uma descripção magistral das esculpturas de Germano Pilon que decoram os arcos da Ponte-Nova. No momento em que os tres reis se encontram no caes, uma das carancas do frontão, avistando os tres espectros de bronze :

Jeta ce cri :

— Troupeau, tourbe, foule hagarde,  
Manants, réveillez-vous ! populace, regarde ;  
Ouvrez vos yeux obscurs, de larmes chassieux ;  
Voici trois de vos rois qui marchent sous les cieus.  
.....

Ces rois sont faits des cœurs de tous les rois leurs pères. —  
Vous tous, réveillez-vous au fond de vos repaires,  
Serfs qui depuis mille ans traînent l'immense croix,  
Et regardez passer ces spectres qui sont rois.

E essa Némésis traça um negro retrato dos soberanos ; por ultimo, conclue assim :

Allez ! le fleuve gronde et le vent se courrouce.  
Allez ! allez ! les rois ! Où vont-ils ? qui les pousse,  
N'ayant plus d'intérêt dans ce monde vivant ?  
Et qu'est-ce donc qu'ils ont à marcher en avant ?  
Allez ! allez ! Où donc les mènes-tu, Nuit blême ?  
Nuit ! ces trois rois vont en chercher un quatrième.

O quarto é Luiz XV. Os tres reis chegam á praça onde se erguia outr'ora a estatua.

O terreur ! au milieu de la place déserte,  
Au lieu de la statue, au point même où leurs yeux  
Cherchaient le Bien aimé triomphal et joyeux,

Eis toda a educação que eu recebera na epocha em que debutei em Turim na *Silphide*. Completara os meus quinze annos e ainda não possuia força physica bastante para desempenhar um papel de importancia. Meu pae, era assim que eu chamava ao sr. Fiori, não me evidenciava senão a titulo de experiencia, em um numero limitadissimo de representações. Com quanto gosasse saude, precisava todavia que me poupassem ; o meu organismo não attingira ainda o seu pleno desenvolvimento. Sempre que dançava dez vezes a fio, tinha de descançar por outros tantos dias. Era acolhida por todos os empregados e todas as plateias com extraordinario bondade. Achavam-me disposições excepçoes e vaticinaram a meu pae um futuro auspicioso com a condição de... O resto da phrase só elle a ouviu.

« São esses os meus maiores cuidados, retorquiu o sr. Fiori, e só o diabo será capaz de illudir a minha vigilancia. . . »

Sempre que lhe pedia a explicação d'aquellas mysteriosas palavras, respondia : « Não é nada da tua conta ; uma dançarina não deve pensar n'outra coisa senão na sua arte. » Á força de ouvir falar na dança como em uma arte sagrada, tomei-a a serio e, seja dito em honra da verdade, Fiori era um verdadeiro artista. Embora significasse para elle uma vantagem material o meu progressivo desenvolvimento, que lhe engrossava as receitas, experimentava ainda um prazer mais vivo, e absolutamente desinteressado, ao notar o amor que eu dedicava á sua arte e os triumphos que ella me offerecia em troca. Fiori amava a dança como uma religião. Encarava-a sob o seu aspecto ideal e poetico e votava a um desprezo profundo

Apparaissaient hideux et debout dans le vide  
Deux poteaux noirs portant un triangle livide ;  
Le triangle pendait, nu, dans la profondeur.  
Plus bas on distinguait une vague rondeur,  
Espèce de lucarne ouverte sur de l'ombre ;  
Deux nuages traçaient au fond des cieus ce nombre :  
— *Quatre-vingt-treize*, — chiffre on ne sait d'où venu.  
C'était on ne sait quel échafaud inconnu.

Então, perante essa visão, os tres reis páram.

Ils se taisaient ; et tout se taisait autour d'eux.  
Si la Mort eût tourné son sablier hideux,  
On en eût entendu glisser le grain de sable,  
Une tête passa dans l'ombre formidable.  
Cette tête était blême ; il en tombait du sang.  
Et les trois cavaliers frémirent ; et, froissant  
Vaguement le pommeau de sa lugubre épée,  
L'aïeul de bronze dit à la tête coupée  
(Dialogue funèbre et du gouffre écouté) :  
— Ah ! l'expiation dans ce lieu redouté  
Règne sans doute avec quelque ange pour ministre ?  
Quel est ton crime, ô toi qui vas, tête sinistre,  
Plus pâle que le Christ sur son noir crucifix ?  
— Je suis le petit-fils de votre petit-fils.  
— Et d'où viens-tu ?

— Du trône. O rois, l'aube est terrible ?  
— Spectre, quelle est là-bas cette machine horrible ?  
— C'est la fin ! dit la tête au regard sombre et doux.  
— Et qui donc l'a construite ?

— O mes pères, c'est vous.

Tal é a coroação d'essa tragica epopeia, descripta pelo poeta. Não acrescentaremos nenhum commentario. Os fragmentos que acabam de ler-se bastam para dar ao leitor uma idéa d'essa obra escripta na grande maneira de Victor Hugo.

ERNESTO DESTRÉ.

## MADRID

### Exposição de Bellas Artes

#### III

*La tertulia del zapatero*, pequeno club ao ar livre, pelo sr. Cabral y Bejarano, de Sevilha. Um padre sentado n'uma poltrona lê com attenção um livro bastante volumoso, não advinhámos o que é,

todas as exagerações, pulos e requebros excessivos em que os musculos dominam, excluindo a graça e gentileza. Elle fantasiara uma estatuaria aerea, que successivamente o enthusiasma ou lhe desagradava, e todas estas impressões eram expressas com uma expansibilidade espirituosa que me interessava. Fiori apanhava sempre o lado frisante ou pittoresco de todas as cousas. Conhecia bastante a anatomia reflectida, e exigia sempre que a posição humana estivesse em harmonia com a imagem abstracta. Não sabia desenhado; mas por meio de linhas muito bem lançadas traçava no papel ou no tablado, servindo-se de giz, curvas naturaes e a orientação dos movimentos do corpo. Achavam-n'o pedante e enfadonho; todavia nunca me aborreceram as suas instrucções, que apreciava infinitamente, porque elle tinha a sciencia de me fazer executar as coisas mais difficeis sem esforço nem difficuldade.

Encantavam-me as ovações e coisa alguma que fosse estranha á minha arte me afastaria do caminho que seguia, do trabalho ou do estudo. A repugnancia e desprezo que me inspirava o deboche, que meu pae a despeito de todos os seus esforços, não podia impedir que eu presenciasse, provinha especialmente de ver como certos artistas sacrificavam o ideal do futuro ás realidades grosseiras e materiaes do presente.

Trad. livre de

PAULA RAMANZI.

(Continua).

mas sabe-se que o sapateiro conhece perfeitamente a passagem que o reverendo lê. Talvez seja algum episodio da conquista do Mexico. O sapateiro tem boa cara, parece homem honrado e bem conceituado no logar, usa de oculos, excesso de consciencia! não quer dar algum ponto em falso ou golpe certo nos sapatos do sr. abbafe. A unica cousa de que não gostamos é da côr d'esta boa gente.

*Um mendigo*, estudo do sr. Alexandriuo Irureta. É um dos *morceaux* mais bem executados da exposição. O mesmo artista expoz uma *Ondina*, que sendo d'uma deliciosa presença, ainda assim não nos agrada tanto como o seu mendigo. Em todo o caso, o sr. Irureta revela-se um pintor de força pouco commum, e capaz de abraçar galhardamente assumptos mais elevados.

*En el invernaculo*, quadro do sr. Hugo Salmson, pintor sueco, muito distincto.

Um motivo, um pretexto agradável para nos mostrar que sabe manejar com arte e bom gosto os seus pinceis. O sr. Sameson é nosso conhecido de ha muito tempo e bem sabemos onde elle já expoz cousa melhor.

*Salon de esgrima*, pintura furta-cores do sr. Sanchez Barbudo, discipulo de Villegas. N'aquelles tempos de capa e espada, os taes salões de esgrima equivaliam ás thermas de caracalla dos romanos, ou ás corridas de touros dos hespanhoes. Então reinava o mestre espadachim que ensinava a matar um homem com certos golpes matreiros; hoje reina o espada, applaudido assassino de touros. Os rapazes finos costumavam frequentar assiduamente as salas de esgrima e nem sempre tinham a certeza de saber com a pelle intacta; mas era *chic*, assim como hoje é d'um *chic* supremo os marialvas fazerem santa vida com os toureiros. — Henrique IV esgrimia com o primeiro meliante que de noute encontrava pelos becos de Paris, e Deus sabe quantos o rei galanteador enfiou na sua espada, como os chouriços de espeto em os nossos arraiaes! Tem certo merecimento a pintura do sr. Sanchez e hade ter compradores; não falta quem goste do genero.

O sr. Checa, professor da escola de Badajoz, expõe seis quadros de costumes mais ou menos interessantes. Notaremos entre elles o seu *Vaya um chavó!*, um *zapateado* executado em cima d'uma meza por um dançarino com ares de *bayadère*. Este pequeno *flamengo* intimo, é saboreado deliciosamente por um padre de formas collossaes e physionomia sensual; a *sobrinha* do reverendo cura toca guitarra, cantando e olhando extasiada para os movimentos graciosos e ondeadados do *zapateador*. Uma prateleira com alguns tachos e cassarolas, indica nos que estamos n'um canto da cosinha; n'um armario

entreaberto está esperando pelo final uma garrafa de Manzanilla.

Tudo bem pintado, mas d'uma moralidade duvidosa.

*De aqui á la gloria* é um quadrinho do mesmo auctor, muito bem pintado.

*Tipo de la provincia de Leon*, telasinha muito verdadeira e finalmente pintada pelo sr. Fenollera, de Valencia; o effeito de luz é original.

É tempo de apresentarmos ao leitor um dos pintores que tem obtido maior successo pela originalidade dos seus quadros e solidez e belleza de execução. É o sr. Horacio Lengo, de Malaga, discipulo de Leon Bonnat.

O sr. Lengo affasta-se muito, na sua maneira de pintar e de conceber os assumptos, de todos os seus compatriotas, é uma novidade completa e exuberante de vida. É um digno discipulo do vigoroso auctor de *S. Vicente de Paula*, quadro que pertence a um templo de Paris. Herdeiro da energia e do colorido solido e brilhante do seu mestre, vae emprehender em Hespanha a campanha luminosa que Bonnat, com tanto talento, tem feito em França. Lengo tem todas as qualidades d'um grande artista, é uma revelação, como o foi Fortuny no seu tempo. Enviou dez quadros e todos elles dignos da maior attenção.

Principiemos por *Ella* e *Elle*, dous poemasiños deliciosos.

*Ella* é uma linda rapariga, com todos os predicados, branca como a neve, coquette e inconstante: é uma pomba no seu ninho, e que miradas ella nos lança, a descuidada!

Pertence ao *grand monde* plumoso, bem se vê pelo luxo que a rodeia: cortinas ricamente bordadas a ouro n'um fundo vermelho, tapetes de Smyrna, um leque japonéz, opulento e garrido, e talvez o de Machado d'Assis, e depois muitas flores dispersas, algumas fluctuando á superficie do limpido e cristalino tanque. A plumosa Lais costuma banhar-se amiudadas vezes; habito de grande senhora.

Quem não advinha em tudo isto os preparativos para uma nova conquista? Aborreceu-se da côr cinzenta, agora appetitece-lhe um preto como a azeitona da nossa terra, e elle não deve tardar; a belleza da caça não é para menos. Agora vamos depressa ouvir as lamurias do outro, *Elle*, o desgraçado.

Passou a noute em alegre companhia, bebeu muito Champagne, quebraram-se copos, foi uma orgia que lhe custou a vida. Fomol-o encontrar morto, com uma bella estocada. Quem matou o cinzento D. Juan? Eis o que nunca podemos saber; a justiça fará um rigoroso inquerito e talvez ache a decifração do mysterioso enigma em casa da senhora *Ella!*

## FOLHETIM

### O CARDEAL DIABO

(ULTIMA NOITE DE HOFFMAN)

V

Recuei, com um grito abafado. O grande sino da torre, dava quatro horas. Sentia-se cantar o vento, nas ogivas mal fechadas. E nos zimbórios da capella, os cataventos rangiam sinistros, com risadinhas cortantes.

Elle ficou deante de mim, apumado, hirtto, como um morto suspenso d'um pelourinho, e em torno o sudario cahia-lhe em grandes pregas, com um desenho esguio e doloroso. No peito, a couraça scintillava em escamas metallicas; a grande barba esqualida cahia-lhe immovel com uma expressão secular; uma tranquillidade fria espalhava-se por toda a sua figura secca, alta, como uma mumia exhumada de uma pyramide egypcia. Eu tinha-me ficado surpreso, por um momento attonito. Mas na cavidade reluziam, á luz da pequena lampada, causticas scintillas de joias, punhos cinzelados de alfanges, das epochas cavalheirescas da conquista, diademas abrazados de diamantes, finos braceletes incendiados de rubis, uma profusão de riquezas capaz de comprar um imperio e de corromper um exercito. A immobilidade d'aquelle espectro vivo opprimia-me. Os seus olhos perdidos no fundo de duas orbitas escuras não giravam, pareciam ter um reflexo de vidro embaciado, morto, sem expressão.

Toquei-lhe de leve na manga, como para acordal-o: elle não se moveu. Segurava a lampada como uma estatueta e parecia não ter uma vontade, uma resolução, uma audacia. E não obstante era meu amo que alli estava — não podia enganar-me! A sua frieza irritava-me. Fóra, sentia-se a risada escarninha do vento, em orgia nos braços das arvores antigas do parque. Succedi-o violentamente, com uma colera reconcentrada. Então a lampada escapou-lhe da mão, estremeceu bruscamente, e ao ultimo clarão agonisante da luz, elle viu a minha face injectada. Compreendi que era um somnambulo. A sua espada sahiu-lhe da bainha; na bocca octogenaria rebentou-lhe uma blasphemia tremenda, entrecortada, cheia de ameaças feroces. Estavamos ás escuras. Atravez dos vidros coloridos, viam-se passar pelo ceu, em tropel de vencidos, esquadrões negros de nuvens procellosas, batidas pelo furacão allucinado, cheios de estretos e de ferocidades. O castellão vibrava estocadas ao acaso, procurando-me na sombra: eu recuava lentamente; tinha o cerebro cheio d'aquelles diamantes, d'aquellas joias vividas, abraçadas pela luz n'uma irradiação triumphal. O meu desejo era crival-o de punhaladas, abatel-o ante a minha cubiçosa aspiração. Era noite. O incendio podia bem esconder um crime, e carregado de riquezas eu abandonaria aquelles logares, mascarado de romeiro, com uma humildade evangelica no andar e no dizer. E montado n'um sendeiro, tisonado de cigano, podia attingir o mar, uma galera de contrabandista, armada de obuzes de ferro, com as armas do rei na lombada. Far-me-hia pirata, com um vasto passado de aventuras, scenas tragicas de assassinatos na cobertura, entre a fumarada das descargas, quando o sol mergulha ao longe, acharoando, de côres metallicas o occidente extasiado em luz. E que de viagens, que de audacias

*Caramba! que buenas pinturas!*, é a exclamação de todos, entendidos e leigos. O rei de Hespanha andou acertadamente em comprar as duas telas para a sua galeria particular.

*Romeo e Julietta*, outro delicioso quadro do sr. Lengo. Não ha que ver, é um artista de primeira plana. Oe dous namorados são dous formosos pombos. Julietta deu *rendez-vous* ao meio dia em ponto, n'uma janella de Malaga, ao sr. Romeo. Estão-se beijando com valentia, cobertos dos raios do sol por uma sombrinha japoneza.

Parece que se esqueceram de tudo, menos que se querem com um amor tão ardente como o sol que os dardeja. Muito bonito, muito bem pintado!

*Marte*. Este Marte não é precisamente o deus da guerra, é um aprendiz, que ainda não teve a honra de penetrar no Olympo. D'esta massa é que elles se fazem; mas enquanto espera, o aguerrido rapaz vae fumando o seu cachimbito e comendo o resto das marmittas do regimento. É o herdeiro presumptivo das velhas calças vermelhas da setima companhia.

*Dolores* é uma velha que pede esmola, pintada com um realismo digno de Ribera.

As pinturas do sr. Lengo fazem muita honra ao seu talento, e ao seu paiz.

*Contribucion de sangue*, notavel quadro do sr. Ferrandiz y Badenes de Valencia. É um dos bons quadros que mais honram a exposição. Energicamente feito, e de uma execução magistral!

*Hojas muertas!* É uma bella mulher sentada n'uma poltrona: acaba de ler uma carta e chora. Diversos papeis rasgados espalhadose pelo chão. Nada mais do que isto, mas que sentimento!

É um precioso quadro do sr. Moreno. Um outro do mesmo auctor e de maiores dimensões — *Ensayo al organo*, representa o coro d'uma igreja, alguns meninos do côro estão cantando, debaixo da direcção d'um Smorfia qualquer. Este quadro faz-nos lembrar um pouco Luca dela Robia. O fundo que representa o órgão é admiravel.

*Los dos extremos*, pintura do sr. Turina Areal, de Sevilha.

Tres senhoras bonitas, vestidas á moda do seculo passado, vão entrando para um templo; um cocheiro recebe ordens de uma d'ellas; no fundo uma vistosa carruagem de gala: meia duzia de mendigos esfarrapados pedem esmola e fazem contraste, pela sua miseria e pobreza, com as fidalgas bellas e opulentos. É um quadro bem pintado: tem merecido muitos elogios.

*Interior de un estudio*, é uma especie de tenda de *bric à brac* artisticamente disposta. A mulher, sentada, que examina um objecto

pelos paizes desconhecidos!... Acamparia nas planicies do Nilo, entre palmeiras senhoris que a lua beija commovida, nas quentes noites de agosto; iria montado nos grandes camellos pacificos, de uma meiguice nauseabunda, cheia de mucus e de vermes, até ás cidades mortas da Judeia, entre tumulos de *rabbis* e columnatas brancas de templos, contemplando em torno os de-olados horisontes em que figueiraes bravios, como grandes ascetas solitarios, estendem para o ceu abrasador os descarnados braços penitentes, sem sombra e sem frescura. Assim podiam decorrer annos. O sol do Oriente queimaria a minha face branca, de uma frescura ingleza; tornar-se-hiam fulvos, de tons maduros, os meus grandes cabellos louros de pagem dos tempos medievais; teria barbas compridas, uma figura poderosamente esculpida, como a d'um chefe gaullez. E opulento, temido, podia voltar á Europa, impunemente, no meio da paixão das virgens romanticas e sonhadoras, e das trovas suspiradas dos menestres vagabundos, de solar em solar. O ponto era matar aquelle velho tropego, avaro, decrepito, que me obrigava a ler-lhe romances de cavallaria nas noites invernosas, em salas glaciaes, no meio do apparatus guerreiro das panoplias e das couraças oxidadas e cheias de pó.

A minha mão segurava o punhal, descrevia em torno d'elle curvas subtis, estranhas evoluções de cascavel que arna salto. A espada esgrimia em balde nos ares, sem me tocar; de rastos quasi, eu chegava-me a elle, pouco a pouco, para o ferir. Mas então, a lamina encontrou-me o cranco, e vibrada com ancia poude penetrar-o, enquanto o punhal resvalando pela couraça d'elle se me escapava das mãos, tornando inutil todo o meu esforço. Rugindo, agonisando, quiz erguer-me sobre elle para o prostrar; os meus dentes apanharam a sua

d'arte não está pintada tão bem como o resto do quadro. Como execução e colorido é talvez superior a qualquer Breughel ou pelo menos igual.

O sr. Masriera, auctor d'este quadro, é um pintor de nome em Hespanha. Tivemos occasião de admirar um quadro no mesmo genero e superior ao que expoz agora, na galeria moderna do Museo do Prado.

(Segue).

MANLIUS

## ATRAVEZ DO BINOCULO

### Theatro do Principe Real

NICHE — *vaudeville* em 3 actos.

A *reprise* d'este festejado *vaudeville*, uma das peças mais alegres e mais frescas do actual repertorio parisiense, chamou ao theatro do Principe Real uma curiosidade enorme e uma enchente quasi tão grande como a curiosidade do publico, para a qual não ha estimulante que se compare ao perrexil do confronto.

As nossas plateias morrem se pelos confrontos. Saboreiam-nos, aspiram-os, bebem os ares por elles e dentro da sua analyse comparativa e dos seus fracks, cada espectador julga-se um *Sarcey* ou um *monsieur de l'orchestre*.

É inutil fallar da peça, que toda a gente conhece; fallemos apenas do desempenho.

O grande atractivo d'este desempenho consistia em ser a actriz Esther quem fazia a *Niniche*, a grande *cocodette* transformada em condessa *au petit pied*.

Esther deu em geral uma interpretação absolutamente diversa ao papel, destacando notavelmente as duas individualidades, que são como que o verso e reverso d'essa bonita medalha oxidada e cravejada de perolas... falsas, que se chama, condessa Corniska, em Deauville, *Niniche* em Paris.

As scenas do 2.º acto, um acto profundamente parisiense, onde se escuta vagamente o estalar secco e rapido das rolhas de Champagne, atravez de um *frou-frou* de saias e de um *toc toc* de botinas directamente importadas da *Vie parisienne*, foram interpretadas com um brilhantismo desusado, com um *élan* petulante e estontea-

perna secca e cravaram-se n'ella. Mas foi o ultimo alento. Ergui os braços para o ceu e cabi. A lucta não cessou. Entre nós, surgiu uma especie de grande aranhão luminoso, impalpavel, que dançava, voava em torno do castellão, sobre o castellão, com uma destreza de indio, domador de serpes. E ora se apagava, como uma phosphorecencia, ora parecia scintillante como um tubo electrico. De uma fragilidade sinistra, o phantastico combatente, seria vencivel se o podessem tocar; mas a espada de meu anno mil vezes procurou ferir-o; atravessava-o sem o offender, como se atravessa um nevoeiro ou um filete d'agua, sem o podermos aniquilar. E a sua rapidez era medonha, silenciosa, traçoira; tinha evoluções elipticas como a luzerna de um espelho que ao sol fazemos mudar de posição; saltos enormes de uma vivacidade de insecto; walsas doudejantes, extraordinarias, que perturbavam a vista e cançavam a surda raiva do castellão. Durou isto muito tempo. Meu amo arquejava. O aranhão ia sempre girando em torno d'elle. Por fim, o castellão deixou cair a espada, fez um movimento para fugir aterrado. Ao primeiro passo tropeçou em mim e cabiu pesadamente, com um gemido. O estranho animal tinha parado tambem, delineando em fogo, nas trevas, as suas pernas immensas, phantasticas, espinhosas. Depois alongou-se de subito; fez-se uma mancha phosphorecente no sitio em que elle estava; uma sombra peneirou-se por sobre essa mancha e desenhou uma figura desgrehnada, mendiga, em farrapos, de uma belleza selvagem, leonina, vingadora!

(Continua).

VALENTIM DEMONIO.

dor, onde se condensavam, n'uma orgia de côres vivas e de notas alegres, os eccos de Mabile, o *brouhaha* dos boulevards e as cançonetas gaiatas da Thereza, a musa legendaria dos cafés concertos.

Esther que possui uma bella voz extensa e vibrante, cantou com bravura inexcédível e grande intensidade de detalhe os *couplets*, «*Ao verem-me agora*», recebendo no fim uma ovação ruidosa e prolongada.

Além d'isso, distinguui-se pela natural expressão que imprimiu aos *couplets* do primeiro acto:

«*Morro de frio*», que a plateia sublinhou com uma salva de palmas.

Esther apresentou quatro *toilettes* elegantissimas, sendo dignas de menção especial as do segundo acto, uma deliciosa *robe de chambre* de cachemira e setim azul, guarnecida de rendas e atacada com cordões e agulhetas, e um *costume* preto, com paletot de velludo coberto de passamanaria e chapéu preto *cabriolet*.

Ribeiro, que fazia o visconde, deu tambem uma fôrma completamente nova ao seu personagem, tirando um partido immenso de algumas phrases, que anteriormente passavam desapercibidas, accentuando com muito talento algumas transições, até aqui apenas ligeiramente esboçadas, dizendo sempre com irreprehensível correção, mas fugindo por vezes ligeiramente para a inflexão dramatica, quando o typo *boulevardier* do visconde é tudo quanto ha de mais genuinamente comico.

Nos restantes papeis, desempenhados pelos mesmos actores da primitiva, distinguui-se, como sempre, Margarida Lopes, que tem, entre outras, uma scena no 2.º acto, de um comico delicioso, e que ella representa admiravelmente.

DELFINO DE NORONHA.

## CARTEIRA DE UM FANTASISTA

### A BISAVÓ DOS MEUS FILHOS

Quando a vejo tão placida e tranquilla,  
lá no seu poiso, tremula e curvada,  
e a luz da sua morbida pupilla  
inda vivaz, attenta, interessada;

d'ella me acerco, e encanto-me d'ouvil-a!  
Na sua consciencia immaculada,  
entre os lethaes crepusculos, scintilla  
como que a suave luz d'uma alvorada!

Oitenta annos de gloria! Só o vél-os  
dá a sensação de quem visita um templo  
á minba alma esfolhada, impia e rude.

E eu beijo com respeito os teus cabellos,  
doce velhinha, que és um santo exemplo  
da honra, do pudor e da virtude.

1880.

CHRISTOVÃO AYRES.

## BIBLIOGRAPHIA

Recebemos os quatro primeiros fasciculos do novo livro dos illustres exploradores, os srs. Capello e Ivens, *De Benguella ás terras de Jácca*. Reservamos para mais tarde o nosso modesto juizo critico acerca d'esta obra valiosissima, impressa com extraordinario luxo e illustrada de excellentes gravuras. É seu editor o sr. Avelino Fernandes.

\*  
\* \*

Distribuiram-se os n.ºs 61 e 62 da *Moda Illustrada*, interessante jornal de modas, editado por David Corazzi.

\*  
\* \*

Temos em nosso poder os volumes *Botanica e Astronomia popular*, nono e decimo da apreciavel colleção da *Bibliotheca do povo e das escolas*, inaugurada sob os melhores auspicios pelo sr. David Corazzi.

\*  
\* \*

Vão ser publicadas as Memorias do grande pianista Gottschalk. Colleccionou-as a viuva do célebre artista da *Tarantella* e da *Savana*, adicionando-lhes uma serie de cartas interessantissimas, escriptas por Gottschalk á familia e aos amigos em diferentes localidades que percorria.

\*  
\* \*

Não temos recebido os ultimos numeros da *Folha nova*, falta que muito sentimos.

\*  
\* \*

Publicou-se um novo fasciculo da *Chronica moderna*, interessante revista mensal litteraria e critica, dirigida por Gervasio Lobato, e editada por João Antonio de Mattos.

\*  
\* \*

Recebemos o numero 165 do *Sorvete*, e achámol-o esplendido. A pagina *Quem vê as barbas do visinho a arder...* é scintillante de espirito.

\*  
\* \*

O sr. Costa Mesquita, proprietario do armazem de musica e pianos, estabelecido no Porto, acaba de editar uma *habanera* e uma polka lindissimas. A *habanera*, composta pelo sr. Costa Mesquita, que cultiva a musica com fino gosto, intitula-se *O que anda no ar*. A polka, *Violetas*, e do sr. Alberto Vallen. Qualquer das duas musicas, que agradecemos, tem no frontispicio elegantes illustrações.

\*  
\* \*

Acaba de ser distribuido o n.º 36, ultimo do terceiro volume dos *Dois Mundos*, magnifica illustração mensal, redigida em Paris pelo sr. Salomão Saragga. O summario do numero que temos a vista é o seguinte: *Os cabellos de Lota*. J. Cesario de Lacerda. — *O inverno*. — *Um amigo da casa*. — *O domador de feras*. — *Vão lá fiar-se em mulheres*, Paulo de Beausire. — *Seyszel*. — *Carlos V e Filipppe II*, Charles de Coster. — *A capitulação* — *Rembrandt Van Reyn*, Charles Blanc.

Illustram o texto seis gravuras esplendidas.

É editor d'esta valiosa publicação o sr. Cruz & C.<sup>ª</sup>, livreiro estabelecido na rua Augusta.

## RUMORES DOS PALCOS

Funcionará durante um mez no theatro dos Recreios uma excellente companhia de comedia, composta de alguns artistas do theatro de D. Maria e theatro do Gymnasio. Inaugurou os seus espectaculos na sexta feira 18, com a comedia de Guilherme de Azevedo *Rosalino*, novamente arranjada e agora só com tres actos. A peça, tal qual está, faz muita differença da que foi representada em D. Maria, e obteve um enorme successo em todos os theatros do Brazil, onde Joaquim de Almeida, o admiravel interprete do *Rosalino*, a representou. Tambem no Porto obteve extraordinario agrado.

\*  
\* \*  
A companhia portuense de opera comica volta a Lisboa em fins de agosto

\*  
\* \*  
Vae ser cantada na Phenix do Rio de Janeiro a opereta *Furias de amor*, do sr. Freitas Gazul, que obteve em tempo um grande successo no theatro da Trindade. O papel que pertencia á actriz Herminia será desempenhado pela actriz Pepa.

\*  
\* \*  
Transcrevemos da *Liberdade*, excellente jornal republicano:  
Sarah Bernhardt.—A *Diva* vae casar-se com nm galan da sua *troupe*. É mais um capricho do genio! A mulher que assombrou com o seu talento os dois mundos, quasi o universo inteiro; a mulher que abysmou de admiração as duas primeiras cidades da terra, Londres e Paris; a mulher que reune ao genio, a belleza e a riqueza; a rainha do bello, do encanto e da scena... desce agora a desposar um Angelo, um galan, que era quasi seu creado! A mulher que assim desce delirou ou pouco se presava; morreu para a admiração e para os respeitos do mundo.

\*  
\* \*  
Parece que virá a Lisboa a *chanteuse* Paola Marié.

\*  
\* \*  
Escrevem-nos de Leiria com respeito aos dois espectaculos que n'aquella cidade acaba de realisar um grupo de artistas da Trindade. A *troupe*, depois de dar uma recita em Alcobaca, sendo extraordinariamente applaudida, representou em Leiria d'onde seguia para Coimbra. A pequenina companhia, composta de Josepha, Amelia Barros, Augusto, Portugal e Godefroy, levou á scena em Leiria, onde obteve duas enchentes e um successo estrepitoso, as operettas *Ultimo figurino*, *Tio Braz*, *O Chalet*, *Os tres dragões*, *O néné*, além de algumas romanzas e poesias.

\*  
\* \*  
Sarah Bernhardt, que é esperada em Lisboa no proximo outubro, vae abrir em Paris, de sociedade com Petit, um atelier photographico americano. O atelier será oppulentamente construido e mobilado, trabalhando tambem de noite com o auxilio da luz electrica. É caso de uma pessoa ir a Paris só para obter o jubilo de ser photographada pela grande actriz.

\*  
\* \*  
Morreu em Paris, contando apenas 32 annos, a nossa conhecida actriz Helena Petit. O seu enterro foi immensamente concorrido, pegando ás borlas do caixão, litteralmente coberto de corças e *bouquets*, Sarah Bernhardt, e fazendo parte do cortejo todos os artistas dos theatros de Paris.

\*  
\* \*  
A graciosa actriz Pepa continua a ser muito festejada no Rio de Janeiro. Vae agora representar o *Ultimo figurino*, desempenhando o papel de Anna Pereira, e em seguida a *Mascotte*.

\*  
\* \*  
Consta que falleceu no Porto o actor Luciano. Sentimos!

\*  
\* \*  
A opera comica em 3 actos, *O sino do ermiterio*, sobe á scena no Principe Real, na proxima quinta feira 28. A musica é do maestro Alvarenga.

\*  
\* \*  
Á ultima hora, sabemos que Guilherme de Azevedo, auctor do *Rosalino*, que devia subir á scena nos Recreios, telegraphou de Paris, prohibindo a representação da peça.

## COLLABORAÇÃO FLUCTUANTE

Responderemos n'esta secção a todas as cartas que recebermos contendo artigos para a nossa revista.

\*  
\* \*  
I. V. T. — Os seus versos seriam excellentes... se não fossem prosa. Se fizer muito gosto em apparecer á luz das ribaltas, mande versos-poesia.

\*  
\* \*  
M. T. — Artigos do tamanho da legua da Povia... *vade retro!*

\*  
\* \*  
X. — Deus nos livre de gafanhotos, que de acrosticos, e de mais a mais coxos, nos livraremos nós.

\*  
\* \*  
*Étoile* — Essas, são sempre bem vindas, illuminam!

## EXPEDIENTE

Vamos abrir na nossa revista, satisfazendo assim os desejos de muitos dos nossos leitores, uma nova secção de charadas, problemas, logogriphos, etc, premiados.

Essa secção será exclusivamente dirigida pelo sr. Matheus Peres, residente em Cuba, a quem deverão dirigir-se as pessoas que remetam charadas destinadas ás RIBALTAS e as que enviem a decifração das mesmas, devendo os premios ser reclamados na redacção das RIBALTAS, rua dos Fanqueiros 87, entregando-se só e unicamente á pessoa que apresente uma declaração assignada pelo director da secção de charadas, o sr. Matheus Peres.

Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º

## FELICIDADE

Em S. Petersbourg, um pobre cego pedia a uma fidalga que lhe permittisse beijar-lhe a mão ao dar-lhe a esmola. A luva que ella usava era odorifera como as que o *Centro Commercial* manipula. Acostumou-se elle áquelle perfume; e uma tarde, ao crepusculo, perto de um castello solar, o cego tropeçou e caiu ao lado de um corpo inanimado, tocou na bella mão e pela luva reconheceu a dona! Voltou, foi dizer á familia, que morava perto d'ali; foram ao lugar e ainda encontraram a dama desmaiada. Se não fosse o aroma da luva, igual ao do *Centro*, que consequencia podia resultar? A noite approximava-se, o rio crescia, a morte era certa.

A dama salva gratificou o pobro cego com mil rublos, que este não recusou, radiante de jubilo, e acceitou tambem a luva odorifera que salvou a sua bemfeitora.

Da secção de luvaria do *Centro* enviam para qualquer destino a troco de estampilhas, a luva da moda. Preço: tendo 4 botões as para senhora e 2 as para cavalheiro, são réis 500!!!

Tambem teem ricos objectos para presentes.

# DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

**Illustrado com os retratos dos principaes homens de Portugal e Brazil  
e de grande numero de notabilidades europeas**

**Gravuras de monumentos, obras de arte nacionaes  
e todas as illustrações indispensaveis para esclarecimento do texto**

**Desenhos e gravuras dos melhores artistas**

Um dictionario encyclopedico, destinado a satisfazer todas as inexgotaveis exigencias de um povo que pretende instruir-se, delineado por um vasto plano colossal e tendo de occupar-se na sua larga esphera elucidativa de todos os complexos ramos do saber humano, nas sciencias, nas letras, nas artes, tomando por ponto de partida as origens ethnicas, e acompanhando-os na sua evolução biologica até ao mais adiantado marco da historia, desde os mais arduos até aos mais simples problemas scientificos, um dictionario d'esta ordem, tem sido a maxima preocupação de todas as nações cultas.

A França, a Inglaterra, a Allemanha, a Itália e a Hespanha, tem os seus importantes Dictionarios-encyclopedicos; faltava, porém, a Portugal um dictionario, susceptivel de satisfazer todas as ardentes curiosidades de saber que cada vez mais se accentuam em nossos dias, e que illuminasse ao mesmo tempo a penumbra prehistorica onde existem amalgamados os fosseis dos dialectos e das raças extinctas, que o estudioso debalde procura tantas vezes, e cuja incerta procedencia e deficiente investigação constituem o desespero do erudito.

Esta lacuna insubstituivel, a necessidade de consultar um Dictionario para cada uma das especialidades technicas que o leitor desejasse tirar a limpo, obrigando-o a munir-se de duzias de Dictionarios, suggeriu-nos o plano colossal de dotarmos o nosso paiz de uma obra construida sobre bases solidas, destinada, por sua natureza, a subsistir de futuro como um monumento da lingua de Luiz de Camões. Similhante tentativa, porém, especialmente em relação a uma população pouco numerosa e relativamente atrasada, demandava grandes sacrificios pecuniarios.

Nem por isso desistimos. Animados de uma força de vontade inabalavel, abalançamo-nos a dar a publico o

## DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

tendo a consciencia que elle ha de ser o mais completo, o mais variado e o mais encyclopedico de todos os dictionarios que existem em Portugal.

Todas as litteraturas e todos os idiomas, incluindo o indiano, hebraico, latino, grego e o tupy, guarany, concani, angolense, etc., serão n'este dictionario devidamente explanados, correspondendo elle assim á sua elevada missão concreta e expositiva.

O *Diccionario Universal Portuguez*, propriedade da antiga Livraria Zeférino, de Lisboa, e por ella editado, sahe quinzenalmente em fasciculos de 48 paginas de texto, ou 3 folhas de 16 paginas, em 4.º maximo, com 144 columnas de excellente typo, nitidamente impresso em magnifico papel, expressamente fabricado para o nosso Dictionario.

Cada fasciculo custa em Portugal 400 réis, no Brazil 1\$200 réis fracos. Paga á entrega.

Assigna-se para o *Diccionario Universal* nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra. Toda a correspondencia deve ser dirigida aa proprietario-editor, Henrique Zeferino, antiga Livraria Zeferino, 87, rua dos Fanqueiros, Lisboa, onde se accitam quaesquer reclamações e se distribuem prospectos da obra.

São correspondentes da Empreza no Rio de Janeiro os srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 95,

Ao presente estão publicados 24 fasciculos ou cerca de 1200 paginas, ficando muito breve concluido o 1.º volume que comprehende toda a letra A.